



Vaso de barro

Da Itália:
Missão Belém

Deus é fiel e escreve certo por linhas tortas, que somos nós. Eis os milagres que Ele opera em nós e através de nós

A história de MATTIA E SILVIA

Exemplo de leigos comprometidos com Cristo: são responsáveis, perto de Veneza, de um grupo "Ruah", organizam retiros querigmáticos para irmãos afastados da Igreja E acolhem crianças em sua própria família



1 MATTIA: Cresci numa família católica, sou o primeiro de 5 irmãos; freqüentava a paróquia, mas chegou o momento em que percebi que ia na Igreja somente por costume e não por paixão. Amava ficar com meus amigos do mundo, que pareciam se divertir pra caramba, enquanto o ambiente de Igreja me parecia velho, parado e triste. Fiz muita viagens para o exterior, esperando encontrar um lugar onde se vivesse mais alegre... Visitei a Europa, o Brasil, a África, a Argentina, Costarica, Cuba, Estados Unidos. A conversão de alguns amigos me levou a me aproximar novamente da Igreja de forma diferente. Aprendi a tocar violão para animar o coro paroquial. Dessa forma conseguia levar melhor a alegria da qual sentia falta. Por vários anos, todos os sábados, ia com outros jovens no "Bairro Aneis" (era um dos pontos de maior tráfico, na Itália), para fazer voluntariado e ajudar as família obrigadas a morar nesse lugar. Mas quando encontrávamos os drogados e os traficante, ou as prostitutas, percebia que não tínhamos força para dar algo de concreto para eles.

Fiz também um mês nas missões da periferia de Rio de Janeiro com os missionários de Pádua. Quando voltei, o ambiente de casa e do trabalho pareciam "apertados" para mim.

Em 2004 tive uma crise pessoal, não entendia o sentido de tudo o que fazia; mais por instinto do que raciocinando, resolvi pedir a conta e fui, por dois meses, para a periferia de Manila, nas Filipinas. Ajudava uma irmã franciscana num ambulatório por ela criado para curar os doentes de tuberculose. Tive impressão que esse não fosse o meu caminho. Voltando, comecei a namorar com Silvia, que já conhecia antes.

SILVIA: Nasci e cresci numa família cristã, praticante, serena e unida. Sou a mais velha de 3 filhos. Vivi num ambiente paroquial, antes como animadora de grupos, depois como catequista; desde criança no coro paroquial. Desde sempre conheci bons padres dos quais recebi força e exemplos. Tive, porém, também algumas dificuldades em família causadas pelo mal exemplo de um tio que pertencia a um movimento religioso e que minaram não pouco as minhas convicções e a minha fé. Tudo isso, junto ao cansaço e à falta de estímulos, iniciei a deixar todas as atividades nas quais estava engajada e comecei a me enturmar com amigos bem longe de Deus e da Igreja. A única coisa que nunca faltou foi a S. Missa, no domingo. Apesar de cansada das coisas de Deus, não conseguia ficar sem Ele.

Depois de algumas experiências de namoro, que foram grandes fracassos, cheguei à paz comigo mesma: estou bem sozinha! Deus... sabia que existia, mas não me criava grandes problemas... Levava a vida da melhor forma possível !

Mas... para jogar todos os meus planos e a minha "paz" para o alto, apareceu Matia! Era maior que eu, com nenhuma vontade de se envolver, simpático, inteligente, sobretudo uma pessoa que me inspirou confiança e com o qual podia me confrontar de questões profundas. Assim foi... Conhecemo-nos no final de 2003, no início tudo parecia fácil e bonito. Em comum, tínhamos as mesmas bases: duas famílias bem estruturadas, raízes cristãs, unidas. Economicamente não precisávamos de ninguém... Acabamos nos apaixonando reciprocamente (lentamente) e casamos no mês de abril de 2005. Somente depois nos conhecemos melhor e aqui começaram os problemas porque as bases comuns não foram suficientes para unir-nos. A participação à vida religiosa e o modo com o qual enfrentávamos os problemas espirituais foram o primeiro problema; o primeiro de muitos outros... O elemento que fez explodir a crise foi o convite para o "Ruah" (retiro querigmático, que hoje coordenamos), três meses antes de casar. Eu não tinha nenhuma vontade de me empenhar, de enfrentar coisas e pessoas novas. Para mim os grupos de oração eram como fumaça nos olhos, ainda tinha as feridas daquele meu tio. Por isso rejeitei o convite e toda vez que via Matia partir para o Ruah, esperava que voltasse cansado e feliz e fazia de tudo para estragar-lhe a festa! Tudo isso se arrastou por anos, entre tentativas fracassadas de encontrar um ponto de encontro.

MATTIA: Foi um momento difícil, de grande incompreensão, brigas, onde prevalecia o caráter de cada um e não o amor que nos havia unido. Uma noite, sai com a Pastoral de rua. Fomos numa região de prostituição de Pádua. No meu grupinho estava também Chiaretta (uma jovem missionária que tinha feito uma experiência no Brasil). Dela aprendi a falar de Jesus para os pobres que encontrávamos e a dar uma bênção impondo as mãos. Sendo que as prostitutas rejeitavam de rezar pela vergonha que sentiam, então ela propunha de fazer somente um sinal de cruz na testa e rezar um pouco, enquanto nós intercedíamos. Isso me entusiasmou muitíssimo porque entendi que a única coisa útil de verdade era dar Jesus!

O sábado seguinte quis sair de novo e me uni ao grupinho de Tommaso e Anna Raquel, na mesma região do sábado anterior. Logo fui ao encontro de uma prostituta e, fazendo o "sinal de cruz" na testa, iniciei a oração. A outra mão estava apoiada no meu coração. Tommaso e Raquel oravam em silêncio atrás de mim. De repente escutei uma voz que falava "Com as duas mãos!" Então coloquei também a esquerda sobre a cabeça da irmã e concluí a oração. Quando nos afastamos um pouco, agradei Tommaso e Raquel pelo aconselhamento. Eu estava convencida que a voz fosse deles. Mas Raquel disse: "nós não falamos nada!". Fiquei sem ação: aquela voz, eu a ouvi, caso contrário, não teria colocado a outra mão em cima da cabeça!

2 No verão de 2008, depois de uma milésima briga com a minha esposa (que durou a noite inteira), prometi a Nossa Senhora que teria rezado o terço todos os dias até o fim da minha vida.

Em setembro 2008, devia participar da última Missa do Pe Giampietro, antes de regressar no Brasil, para ajudar com o violão. Pedi a minha esposa para me acompanhar, falando para ela que teríamos feito cantos bonitos. Sabia que ela gostava de cantar e assim veio.

Na entrada da Igreja encontrei Paola, que me convidou a uma reunião para novos coordenadores do Ruah, dizendo-me que, em oração, teve a inspiração de me convidar com a esposa. Respondi sublinhando que, em primeiro lugar, minha esposa não tinha ainda participado do Ruah e, ainda pior, não queria nem ouvir falar de Ruah! No final da S. Missa, apresentei minha esposa ao Pe Giampietro, que nos abençoou, impondo as mãos. Voltando, no carro, falei para Silvia: *Paola me convidou para uma reunião quarta-feira, mas você também deve vir...* Com minha surpresa, respondeu: "Tudo bem, significa que devo fazer essa experiência do Ruah!" Assim participou do Ruah seguinte e depois de um outro, na sala dos encontros e, a partir de Agosto 2009, somos coordenadores da Equipe Ruah Juan Diego.

SILVIA: Não é que eu tivesse muito convencida no começo! A experiência que me fez mudar mesmo foi trabalhar na sala, ver as emoções dos cursistas, a mudança das pessoas ao meu redor, tudo isso me fez entender o poder e a força de Deus e do Espírito Santo, se abirmos o coração.

Nesse tempo, também a nossa vida familiar tinha tomado seu rumo. Desde o namoro, havíamos decidido de colocar o nosso tempo a disposição de quem precisasse e, em especial das crianças, às quais faltava uma família, mesmo se por pouco tempo. Cultivávamos no coração a esperança de ter filhos nossos, mas fizemos o curso para "Casal acolhedor" e, em 2009 nos foram confiados Luca e Julia, dois irmãozinhos de 11 e 7 anos, de origem romena, filhos de pais separados, mãe com problemas psiquiátricos e judiciais, por 2 anos!

Apesar da disponibilidade e das motivações fundamentais, a caminhada com essas duas crianças não foi fácil: reuniões com psicólogos, assistentes sociais que tinham opiniões diferentes das nossas, especialistas... problemas escolares... tudo dentro da nossa rotina (eu sou coordenadora de uma creche, Mattia é técnico de uma firma que produz mármore) e os RUAH, que continuavam sem parar, com todos os encontros "pós". Tivemos momentos de desespero, mas, dessa vez, a oração nos sustentou e, com o tempo, aprendemos a trabalhar juntos, ainda mais nas dificuldades.

MATTIA: Com todos os compromissos que tínhamos foi difícil encontrar tempo para rezar juntos. Em março de 2009, os nossos vizinhos, albaneses e

nos pediram para sermos padrinhos de Batismo das suas duas meninas. Para eles era algo a mais que ofereciam a suas filhas, para nós uma ocasião a mais para explicar às nossas duas crianças (provenientes de uma família atéia) o que era o Batismo, a Fé, o Paraíso, as orações, a Missa... Até que chegou o momento, foi uma noite que Luca nos pediu: "Podemos rezar o terço juntos?" Era a festa da Assunção de Nossa Senhora e as crianças continuaram dizendo: "Maravilhoso! Podemos rezar toda noite?!" A partir daquele dia, o terço à noite é o momento para concluir o dia!

SILVIA: Sempre com a idéia de fazer algo de útil e de ampliar a nossa família, em janeiro desse ano, iniciamos o curso para "adoção". É uma caminhada que nos pedirá tempo e forças, mas também uma ulterior confirmação do que estamos buscando.

A experiência de ser coordenadores de uma equipe do Ruah é muito forte e coloca à prova sob muitos aspectos, porém eu e Mattia estamos mais unidos no Senhor e procuramos ser a sua Presença viva no meio dos outros para os outros.

Mattia e Silvia

Esse nosso testemunho deseja somente relatar o que Deus realizou através de nós: nada é impossível para Deus!"



Um momento de fraternidade do Núcleo Ruah, coordenado por Matia e Silvia, que já envolveu centenas de leigos no anúncio querigmático e no acompanhamento catequético